

# TOLERÂNCIA À FRUSTRAÇÃO NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NAS GERAÇÕES BABY BOOMERS E Z

## TOLERANCE TO FRUSTRATION IN EDUCATIONAL PRACTICES IN THE GENERATIONS BABY BOOMERS AND Z

*Lucimara S C Nascimento*

**Centro Universitário Padre Anchieta**

*Maria Júlia D N Salcedo*

**Pontifícia Universidade Católica de Campinas**

*Clerison S Garcia*

**Centro Universitário Padre Anchieta**

### Resumo

A dinâmica familiar, nas últimas décadas, tem sofrido modificações drásticas que alteram as relações, valores, e principalmente a educação. A tolerância a frustração é um elemento de avaliação de saúde mental que é adquirido e desenvolvido através das relações e valores colocados nas famílias. O objetivo do estudo é avaliar a relação entre as práticas e estilos parentais e a tolerância à frustração nas gerações Baby Boomers e “Z”. A presente pesquisa é uma revisão narrativa da literatura, foram consultados artigos científicos e livros através de pesquisa no site aglutinador Google Acadêmico e nas bases de dados SciELO e PePSIC, entre o período compreendido de 1993 a 2018. Em busca de uma maior compreensão do fenômeno cultural das gerações, a pesquisa terá um enfoque qualitativo, visando entender os significados, intenções, anseios, valores, crenças e ações. Evidencia-se uma limitação da pesquisa devido à escassez de materiais publicados, especialmente quando a busca foi feita associando os descritores. O que pode considerar é a existência da correlação entre o estilo educativo dos pais e a tolerância à frustração por parte da criança.

**Palavras-chaves:** Tolerância a Frustração, Práticas educativas, estilos parentais, geração Baby Boomers e Geração Z.

### Abstract

The family dynamics in recent decades have undergone drastic changes that alter relationships, values, and especially education. Frustration tolerance is an element of mental health assessment that is acquired and developed through the relationships and values placed in families. The aim of the study is to evaluate the relationship between parenting practices and styles and frustration tolerance in the Baby Boomers and Z generations. The present

research is a narrative review of the literature, scientific articles and books were consulted through research on the Google Scholar agglutination site and in the databases SciELO and PePSIC, between the period from 1993 to 2018. In search of a greater understanding of the phenomenon cultural research of the generations, the research will have a qualitative focus, aiming to understand the meanings, intentions, desires, values, beliefs and actions. There is evidence of a limitation of the research due to the scarcity of published materials, especially when the search was done associating the descriptors. What he may consider is the existence of a correlation between the parenting educational style and the child's tolerance for frustration.

**Keywords:** Frustration Tolerance, Educational practices, parenting styles, Baby Boomers generation and Generation Z.

### Introdução

A dinâmica familiar tem passado inúmeras transformações ao longo das décadas e através delas apresentado modelos diferentes da relação pai e filho característicos de cada época, cada um segundo o momento cultural e social vivido. As práticas relacionadas aos valores, à vivência e à educação sofreram grandes mudanças (Ribeiro, 2017).

De acordo com as concepções desta autora, o que assistimos hoje, é a transformação de um modelo autoritário, para um modelo permissivo, de um extremo ao outro. Identifica-se assim na família de hoje, uma inversão de papéis em relação à família do passado, promovendo modelos familiares onde os pais são incapazes de colocar limites na educação de seus filhos, já que estes são incapazes de suportar a frustração propiciada por estes limites.

Os estudos sobre a frustração a definem como fonte de superação da própria frustração, onde a partir das dificuldades e dos problemas do indivíduo, este pode desenvolver mecanismos de defesa ou de superação. Conforme alguns pesquisadores, estes mecanismos são nomeados como resistência ou tolerância à frustração (Moura & Pasquali, 2006).

Segundo Rosenzweig (citado por Ribeiro, 2017), a Tolerância à Frustração é definida pelo manter da adaptação psicológica mediante o comportamento de suportá-la, isso de acordo com as características da personalidade do indivíduo, relacionadas às situações de pressão. Por tratar-se de um conceito psicanalítico, está diretamente ligado a outros como: princípios de prazer e de realidade, e princípio de força e fraqueza do Eu – que consiga recusar a satisfação imediata. A tolerância à frustração relaciona-se ainda com a afetividade e intelectualidade do indivíduo.

O mesmo autor considera a necessidade de encontrar um equilíbrio adequado de frustração para um melhor desenvolvimento da criança, identificando que uma frustração

deficiente, excessiva ou inadequada resulta em zonas de baixa tolerância à frustração na personalidade. Enquanto que, o excesso de frustração cria zonas de pouca tolerância à frustração, fazendo com que a criança utilize as defesas do ego que possivelmente inibirão o seu desenvolvimento futuro. Na infância, as práticas educativas especialmente vinculadas à disciplina, favorecerão a edificação da tolerância à frustração pelo encorajamento da sua maturação normal.

A família e a relação de cuidados que permeia o seu contexto é fundamental para a constituição do indivíduo, pois, ela ainda continua sendo o principal norteador do desenvolvimento da personalidade da criança. Assim, as práticas educativas, caracterizam-se como um fator de proteção e de maximização deste desenvolvimento e de sua ligação com o envolvimento parental (Mondin, 2008).

Gomide (citado por Sampaio & Vieira, 2010) define as práticas educativas parentais como técnicas e estratégias aplicadas por pais na educação de seus filhos, e que em conjunto, podem caracterizar os estilos parentais. Estes, por sua vez, correspondem a padrões de comportamentos adotados pelos pais na interação com seus filhos.

Outros autores como Darling e Steinberg (1993), também consideram a distinção entre práticas parentais e estilos parentais, qualificando este, como o conjunto de atitudes dos pais que resulta em um clima emocional onde expressam seus comportamentos. Estes, podem ser tanto específicos que são as práticas parentais, como podem ser outros aspectos da interação pais e filhos, como mudança no tom de voz, gestos ou expressão de emoção.

Alvarenga (citado por Ribeiro, 2017), define as práticas educativas parentais como sendo consideradas as estratégias que têm por objetivo tanto incentivar a ocorrência de comportamentos adequados, como suprimir comportamentos inadequados. Ribeiro (2017) define os estilos parentais como sendo a forma como os pais lidam com a relação de poder, hierarquia e apoio emocional na interação familiar com os filhos, já que os estilos parentais são influenciadores de diversas áreas do desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes. A partir deste contexto, compreende-se que a família desempenha um papel de maior distinção do que qualquer outra instituição na transmissão de valores e normas de conduta dentro de um grupo social.

De acordo com Filho e Lemos (2008) desde o começo da década de 1990, o tema da geração tem renascido em diferentes âmbitos acadêmicos. Por isso, considerando a importância das características da sociedade tanto contemporânea quanto de outras décadas, faz-se necessário, dentro do que se propõe com este trabalho, a análise das gerações mencionadas.

Inicialmente, conforme ordem cronológica, foi considerada como primeiro grupo de análise a geração Baby Boomers. Porém, divergências em relação ao período de abrangência foram encontradas, alguns autores como, Dos Santos, Ariento, Diniz e Dovigo (2011), consideram que essa geração se trata das pessoas nascidas entre 1943 e 1963, período do Baby Boom.

Para Ceretta e Froemming (2011), os Baby Boomers são os nascidos entre 1946 e 1964, os quais buscam manter a juventude desesperadamente. Porém ainda, Oliveira (citado por Dos Santos et al., 2011), referem-se a esta geração, como pessoas nascidas entre 1940 a 1960. Estas são caracterizadas por seus nascimentos no final e após a Segunda Guerra Mundial, que idealizavam a reconstrução de um novo mundo pós-guerra. São identificadas por sua motivação, otimismo e força no trabalho, consideradas *workaholics*, pessoas viciadas em trabalho.

Esta foi uma geração educada com muita disciplina, ordem e respeito, contexto onde surgiram dois perfis de jovens, o disciplinado e o rebelde. O primeiro grupo aceitava as condições impostas pelos pais e apresentava um comportamento correto, o segundo grupo, em sua maioria filhos de pais ricos e militares, buscava transgredir todas as regras da sociedade da época (Dos Santos et al., 2011).

A chamada de geração Z é caracterizada com propriedades bem diferentes e particulares, trazendo em seu significado o termo “Z” de *zapping* – zapear também denominada como geração Digital, geração On-Line, geração Internet, geração Conectada ou geração Pontocom (Filho & Lemos, 2008). Esse grupo enfatiza um segmento adolescente composto por indivíduos nascidos a partir de 1989 (Ceretta & Froemming, 2011).

Como já mencionado, essa geração é caracterizada pelo termo zapear, verbo utilizado para o comportamento de mudar constantemente o canal da televisão, através de um controle remoto. Ela também é conhecida por fazer várias coisas ao mesmo tempo, Tapscott (citado por Ceretta & Froemming, 2011).

O autor Ciriaco (citado por Ceretta & Froemming, 2011) denomina esta geração como silenciosa, por estarem sempre de fones de ouvido, por escutarem pouco e falarem menos ainda, resultando por consequência como uma geração que tende ao egocentrismo. Este autor ainda relaciona a esta geração problemas relativos à interação social e fraco desenvolvimento interpessoal.

Tapscott (citado por Ceretta & Froemming, 2011), preconiza que esta geração se caracteriza pela busca por liberdade em tudo o que fazem, assim como, costuma personalizar tudo a sua volta. Define ainda que se trata de um grupo que considera natural pesquisar e

acessar informações, caracterizando uma função investigadora. Considera ainda, esta geração como os que contam com o fator da velocidade, já que nasceram em um ambiente digital, habituados a respostas instantâneas. Preocupam-se com seu status social e com sua autoimagem positiva.

As propriedades tanto da geração Baby Boomers, quanto da geração “Z”, são distintas e carecem de um olhar mais analítico. Portanto, faz-se necessário considerar a trajetória destas gerações, a partir do contexto familiar e através das transformações ocorridas nos últimos anos.

A literatura tem enfatizado grandes e profundas mudanças na dinâmica familiar e nas práticas educativas de cuidado e educação nas sociedades, o que pode ser analisado com consequência natural devido às transformações ocorridas nas últimas décadas. Diante disso, pode-se compreender que esses fatos atingiram de forma direta a maneira como se desenvolvem e como convivem as famílias no que se refere às práticas e estilos parentais que prevalecem diante do contexto contemporâneo e também diante de épocas passadas, bem como os comportamentos de tolerância à frustração dos filhos frente às essas práticas desenvolvidas.

Se em meados dos anos 60 predominava um modelo familiar de respeito e controle, atualmente, identifica-se um modelo de permissividade e de falta de limites. Assim, o que se constata em nossos dias, são fatores determinantes que marcam as diferenças entre ambas as gerações. Um fator importante a se considerar é que devido a essas mudanças, as relações parentais têm apresentado inúmeras dificuldades em suas funções, pois se de um lado nesta geração, os pais são inseguros em suas práticas, de outro, os seus filhos não suportam o peso da frustração conotando o quanto os papéis de ambos sofreram grandes transformações e o quanto os seus desempenhos no seio familiar carecem de limites e equilíbrio.

Mediante esta realidade mutável e a grande escassez de investigação sobre as práticas parentais dos pais e a tolerância à frustração dos filhos, sob um enfoque psicanalítico, considerou-se o estudo destes construtos em relação a essas duas gerações distintas e distantes em períodos diferentes, as gerações, Baby Boomers e Z. Pretendeu-se buscar assim, uma melhor compreensão não só diante do conceito mencionado, mas também, quanto as práticas educativas destes grupos.

Mesmo diante da importância destinada ao estudo das gerações, são escassos os estudos específicos, em particular em relação à geração “Z”, assim como as contribuições teóricas. Na busca por literaturas brasileiras sobre as práticas educativas analisadas conjuntamente com a tolerância à frustração dentro dos períodos mencionados, pôde ser

considerado que esse tipo de estudo, não são alvos de muitas pesquisas nesse país, o que reforça a relevância de mais estudos sobre este assunto. Em relação à questão que se refere às práticas educativas e os estilos parentais, inúmeros trabalhos podem ser encontrados, ao contrário do que se verifica especificamente em relação ao tema da tolerância à frustração e aos limites, pois a maioria dos estudos que se encontra abordam esses temas de forma sucinta, não o apontando como foco ou tema central.

Por tudo apresentado formulou-se a seguinte pergunta de pesquisa: Qual a relação entre as práticas e estilos parentais e a tolerância à frustração nas Gerações Baby Boomers e “Z”? Para responder esta inquietação foi elaborado o presente objetivo: Avaliar a relação entre as práticas e estilos parentais e a tolerância à frustração nas gerações Baby Boomers e “Z”.

### **Método**

A presente pesquisa é uma revisão narrativa da literatura que debruçou em avaliar a relação entre as práticas e estilos parentais e a tolerância à frustração nas gerações Baby Boomers e “Z”. Com esse objetivo, foram consultados artigos científicos e livros através de pesquisa no site de buscas Google Acadêmico e nas bases de dados SciELO e PePSIC. Foram analisados e selecionados artigos científicos que continham conteúdos relevantes sobre o tema. Os critérios de inclusão foram artigos científicos, nas línguas portuguesa, espanhola e inglesa, que possuísem pelo menos um termo descritor e que fossem publicados entre o período compreendido de 1993 a 2018.

Os critérios de exclusão foram artigos que não possuísem nenhum termo descritor, que não foram publicados em português, espanhol ou inglês, ou fora do período de 1993 a 2018. As etapas do estudo foram: a busca dos artigos selecionados pelo título, a leitura prévia dos resumos dos artigos e a leitura analítica, onde os artigos com maior relevância sobre o tema foram lidos na íntegra e utilizados na construção do presente trabalho, aqueles que não seguiram os critérios de inclusão foram descartados.

Em busca de uma maior compreensão do fenômeno cultural das gerações, a pesquisa terá um enfoque qualitativo, visando entender os significados, intenções, anseios, valores, crenças e ações. (Gerhardt & Silveira, 2009).

### **Discussão**

Com o objetivo de avaliar a relação entre as práticas e estilos parentais e a tolerância à frustração nas gerações Baby Boomers e “Z”, é necessária uma melhor compreensão da

família e especialmente da criança neste contexto. As autoras Zanetti e Gomes (2011) destacam que a concepção do termo criança atualmente encontrada é uma definição historicamente construída.

Nesta perspectiva, Biasoli-Alves (1997), afirma que “qualquer explicação teórica do desenvolvimento infantil seja um subproduto da história humana” (p. 35). Esta mesma pesquisadora reforça a importância de se conhecer como convivem as famílias e a sua evolução ao longo tempo já que a família não é um organismo estático. Assim, as pessoas deste contexto, avançam juntas no tempo independentemente da diversidade das suas idades em relação a momento diferentes do desenvolvimento, sobrevivendo a eventos críticos e definidores de etapas evolutivas, inclusive sociais.

Em virtude das mudanças ocorridas histórica e socialmente, Ariès (citado por Zanetti & Gomes, 2011) demonstra em seu trabalho que foi por volta do século XIII que a representação da criança começou a surgir, através da arte medieval. Observando em seus estudos que o conceito de educação passou a ser atrelado ao conceito de necessidade de disciplina. Foi a partir do século XVI que o sentimento de infância surgia propondo uma imagem ingênua, gentil e graciosa da criança, Postman (citado por Zanetti & Gomes, 2011). Esses autores concordam que a disciplina do século XV passa a ser tão estrita que chegava a ser humilhante.

Neste cenário surge o modelo de família moderna, onde a solidificação da infância traz maiores responsabilidades e aproximação entre pais e filhos, trazendo duas grandes preocupações, a saúde e a educação, existindo uma maior concentração da família do século XIX, em torno das crianças, Ariès (citado por Zanetti & Gomes, 2011). A noção de infância fica associada à necessidade de autoridade e disciplina, segundo as autoras:

Esse trajeto, ao longo da história, faz perceber que a noção de infância e a concepção de criança sempre estiveram atreladas à necessidade crescente de colocar-se diante dela com autoridade, para que adquirisse disciplina e conhecimento. Além disso, o que também foi possível perceber é que esta forma de se relacionar, mediada por uma postura rígida e impositiva, diversas vezes foi confundida com a necessidade de uma postura autoritária. (Zanetti & Gomes, 2011, p. 495)

Pratta e Santos (2007), consideram que no século XX, até a década de 60, período final da geração Baby Boomers o modelo familiar que predominava, era o modelo de “família tradicional”, onde os papéis de homens e mulheres eram social e culturalmente estabelecidos de forma específica. Neste modelo, as relações entre pais e filhos eram

definidas através das noções de respeito e autoridade, caracterizando a assimetria desta interação.

Nessa família tradicional, o homem era considerado único provedor e responsável pelo sustento familiar, retendo poder de decisão sobre a mulher e os filhos. Enquanto que a mulher era responsável pelos cuidados com a casa, assim como a dedicação aos filhos e marido. Pratta e Santos (2007) reforçam que essas relações entre os pais e filhos deste período eram definidas através de características de respeito, autoridade, controle absoluto sobre os filhos por parte dos pais e exigências quanto às normas e regras sociais.

Cano (1997) confirma em seu trabalho que os pais possuíam o controle sobre os filhos, e que estes, porém, diferentemente dos dias atuais, usufruíam de imensos espaços para suas brincadeiras, convivendo com primos e amigos, sempre sob o olhar atento das mães. Dentro deste contexto, referencia-se que se trata de um momento pós-guerra em que a geração já caracterizada como Baby Boomers está diretamente relacionada a uma expectativa sobre o homem deste período, que retornava da guerra trazendo consigo a tarefa de constituir família, considerando que se tratava de um cenário em que a economia mundial se fortificava, o que trazia confiança às famílias na decisão de ter filhos (Monteiro, Gonçalves, Refosco & Macedo 2011).

No entanto, alterações sociais podem ser observadas ao longo da história, as quais têm causado transformações nas relações de autoridade entre pais e filhos, apontando para um deslocamento de um modelo pautado na imposição e no controle, para um modelo fundamentado na participação e na negociação. Em seu trabalho Weber, Selig, Bernardi e Salvador (2006), afirmam que as práticas dos pais na educação de seus filhos, já há várias décadas, têm sido alvo de pesquisas. Acrescentam ainda que são consideradas como importantes preditores para o desenvolvimento infantil e modelo de interação entre pais e filhos.

Isso pode ser configurado no que dizem as autoras Caldana e Biasoli-Alves (1993), que consideram que na segunda metade da década de 30 predomina o modelo de autoridade inquestionável do adulto sobre a criança. Enquanto que no final da década de 50, preconiza-se a presença das recomendações técnicas, como as da Puericultura e da Psicologia, em detrimento da sabedoria popular. No final da década de 80 a culpa surge na interação pais e filhos, resultando na necessidade de oferecimento das melhores condições de desenvolvimento para a criança.

A partir do final do século XX e início do século XXI, período característico da geração “Z”, pode-se enfatizar as observações realizadas por Prizskulnik (citado por Zanetti

& Gomes, 2011) que apresenta a criança, de forma intensa, como o centro das atenções e preocupações dos pais. A educação, a saúde, o bem-estar e as relações entre pais e filhos são temas de estudos recentes inferindo uma possível incompetência dos pais em educar seus filhos.

Para Del Priori (citado por Zanetti & Gomes, 2011) a sociedade científica promove a revisão do papel e lugar da criança, mas, alcança com isso, um sentimento exacerbado que coloca a criança como protagonista de tudo. Lebrun (citado por Zanetti & Gomes, 2011), ressalta sobre a dificuldade em dizer “não”, que é primeiramente da sociedade e depois dos pais, já que a sociedade não os ratifica nesta tarefa. Segundo este autor, a ciência moderna de forma progressiva deslegitimou o argumento de autoridade dos pais, e a sociedade assumiu assim, a ciência para esta função paterna.

Desta forma, pais e mães não sabem mais como agir com seus filhos, e se eles não sabem o que fazer as regras e as relações de poder construídas historicamente e de forma hierárquica, tornam-se inconsistentes para os filhos, pois já não há mais autoridade na relação pai e filho, mas, sim vulnerabilidade. Consequentemente, os pais são dominados por um sentimento de culpa que os paralisa, principalmente em relação às regras e limites, Wagner (citado por Zanetti & Gomes, 2011).

A psicanálise reconhece neste quadro um importante campo de reflexão, a necessidade de presença de limites. Pois, ao considerar um momento histórico para uma breve análise, e tomamos como alvo o acontecimento da ditadura militar na década de 60 à década de 80, pode-se afirmar que, após um período de repressão, contempla-se o momento de buscar equilíbrio onde se procura encontrar, nem repressão e nem liberdade total. A partir deste contexto duvidoso, revelam-se as características da sociedade atual baseada em individualismo, imediatismo, impulsividade e baixa tolerância à frustração (Recktenvald, 2009).

Para esta mesma autora, a importância da relação entre os primeiros anos de vida e os limites assim como a frustração, se dá à medida que se compreende o desenvolvimento como um processo contínuo considerando a forma como é vivenciada a conflitiva edípica e a instauração do superego. Assim, fica destacada a relevância de dissertar sobre a importância de uma função parental adequada na construção dos limites, na introjeção da moralidade e necessidade da aquisição do “não”.

Desde os seus primeiros momentos de vida, o bebê torna-se o centro das atenções da família, Freud (1914/1974) emprega a expressão “sua majestade o bebê”, para ele é o renascimento do narcisismo dos pais que propicia esse contexto onde a criança terá todos os

benefícios que eles não obtiveram, assim como suas necessidades atendidas. Espera-se que os filhos concretizem os sonhos que a dupla parental não realizou, pois, eles o percebem como perfeitos e ignoram suas falhas, identificando-os como sua própria extensão ou um complemento, revelando assim, uma identificação narcísica.

Porém, no processo de desenvolvimento infantil, Recktenvald (2009), afirma que sem frustração e desprazer, não há formação adequada do ego. Assim, para uma construção saudável do psiquismo tanto o prazer, quanto o desprazer, são importantes, conforme Spitz (citado por Recktenvald, 2009). Neste momento conforme Winnicott (1951/1975) inicia-se uma principal tarefa da mãe, o desilusionamento da criança, uma atribuição primeiramente dos pais e depois dos professores, é também fator preliminar em relação à frustração da criança. De acordo com Recktenvald (2009), é nesse processo do desenvolvimento, que ocorre a introdução dos primeiros “nãos” proferidos ao bebê.

Contempla-se um quadro onde o princípio de prazer – busca por satisfação – que comanda o psiquismo, passa a ser gradativamente substituído pelo princípio da realidade. Este novo princípio mantém a busca pelo prazer, mas, sob a influência dos instintos de autopreservação do ego que age com o diferencial de exigir e efetuar o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades em obtê-la e a tolerância do desprazer, Freud (1920/1976).

Para Recktenvald (2009), as experiências iniciais de limites e frustrações são fundamentais para a aquisição de marcos do desenvolvimento como, percepção da realidade externa, diferenciação do “eu” “não-eu” e surgimento do objeto e dos fenômenos transicionais, pois, sem limites e frustrações, o processo de separação e autonomia estaria prejudicado. Estas vivências também influenciarão diretamente a continuidade do desenvolvimento do modo com que a conflitiva edípica será vivenciada. Acredita-se assim, que através dessas etapas iniciais pode-se encontrar a explicação de o porquê determinada criança possui baixa tolerância à frustração e resiste em aceitar regras.

Segundo Winnicott (1964/1982), existem dois caminhos para ensinar as normas e convicções à criança: os pais podem impor essas regras e forçar a submissão sem integrá-las com a personalidade em seu processo de maturação; ou podem facilitar e incentivar o desenvolvimento e o potencial inato. Desta forma, Recktenvald (2009) afirma que, para que a educação moral transcorra naturalmente, é preciso que haja um equilíbrio entre desenvolvimento e os valores oferecidos e/ou impostos.

Nesse processo de preocupação educacional, torna-se importante destacar ainda que a superproteção dos pais causa angústia nos filhos, assim como atitudes parentais não confiáveis geram sentimento de confusão nas crianças, (Winnicott, 1960/1999). Assim, ensinar e conduzir a criança dentro do seu desenvolvimento natural, respeitando o processo de maturação de maneira equilibrada, resultará em uma educação parental naturalmente adequada.

Diante desta afirmativa, cabe aos pais serem os primeiros norteadores de certo e errado até que a criança tenha condições de construir seus próprios valores e para que isso ocorra é primordial que essa criança passe por frustrações em seu trajeto de desenvolvimento. Para tanto, Zimerman (citado por Recktenvald, 2009) relaciona quatro modelos de frustrações e suas consequências: - **frustrações adequadas** proporcionam o crescimento, criatividade e desenvolvimento; - **escassez de frustrações** prolonga a dependência e a onipotência; - **excesso de frustrações** resulta em sentimentos agressivos; - **frustrações injustas e/ou incoerentes** causam sentimentos de confusão e ambiguidade.

A frustração causada pelo “não” dito no momento certo tem tamanha importância para a criança, pois, explicita o cuidado e a preocupação existentes por ela, assim como, traz segurança e confiança, (Recktenvald, 2009). A partir disso, cabe ressaltar o que diz Winnicott (1963/1983), “há mais para se ganhar do amor do que da educação” (p. 94). Nesta citação, Winnicott disserta que o amor é tido como o cuidado integral com o bebê ou a criança, assim como o ódio, contribuindo para o processo de maturação, considerando a educação como imposição de valores sociais ou familiares, independentes do crescimento e amadurecimento próprios da criança.

Recktenvald (2009) e Winnicott (1963/1983) concordam que o amor maduro que frustra e cobra limites e não um amor narcísico é fator primordial a ser considerado no processo de educação de filhos. Segundo esta afirmativa, a tarefa dos pais seria apresentar as normas e regras, assim como, suas ideias de instrução sobre o que é certo ou errado e seus valores, considerando o amadurecimento individual da criança. Entende-se que o desenvolvimento e o potencial inato de cada um estão ligados aos ensinamentos primeiramente dos pais e depois dos professores e a base para transmissão desses ensinamentos é o amor.

Nesse contexto as práticas parentais compreendem a maior responsabilidade em ensinar e formar o indivíduo a partir de seus valores. Assim, é importante considerar que:

As práticas educativas só podem adquirir um caráter consistente e não ambivalente, se forem construídas com autenticidade e segurança pelos próprios pais, valorizando

suas qualidades e experiências pessoais para essa função, em primeiro plano. Como cenário de fundo ou segundo plano, de modo complementar e não em substituição, estaria alocado o saber dos especialistas e as características da sociedade contemporânea. (Zanetti & Gomes, 2011, p. 501)

A partir do exposto, entende-se a necessidade de frustração e introdução de limites, através da prática do amor. Tornando-se indispensável assim para este estudo, relacionar a tolerância à frustração, as práticas e os estilos parentais, assim como ambos como consequências no desenvolvimento infantil (Ribeiro, 2017).

Conforme afirma Mondim (2008), a família é local de surgimento da criança e o seu primeiro contexto de socialização e desenvolvimento. Evidenciando as práticas educativas dos pais em relação aos filhos, destacam-se as técnicas e estratégias de cada pai e mãe utilizada na educação de seus filhos, o que caracteriza os estilos parentais. Estes por sua vez são as manifestações destas técnicas ou estratégias, Gomide (citado por Sampaio & Vieira, 2010).

Baumrind (citado por Weber et al, 2006) estudou a relação entre pais e filhos por meio dos estilos parentais, formulando três tipos: permissivo, autoritário e autoritativo. Estilo permissivo trata-se da relação de pouca responsabilidade e mais permissão. Estilo autoritário é a relação de controle absoluto e restrição de autonomia. Estilo autoritativo, a relação que procura direcionar os comportamentos infantis avaliando o ponto de vista da criança.

Os estudos de Maccoby e Martin (citados por Weber et al., 2006), apresentam uma reorganização desta formulação considerando as dimensões de exigência e responsividade. Assim, entende-se como exigência, a atitude dos pais em impor limites e regras, enquanto que responsividade entende-se como sendo as atitudes de compreensão para com os filhos. Essas dimensões passam a ser consideradas a partir do estilo permissivo que é apresentado de forma desmembrada em: indulgente e negligente.

Ainda de acordo com os seus estudos, os pais autoritários apresentam alta exigência e baixa responsividade; enquanto que os permissivos, baixa exigência e alta responsividade; os pais autoritativos seriam aqueles que apresentam alta exigência e responsividade, gerando crianças competentes emocionalmente e socialmente. Os negligentes, com baixa exigência e baixa responsividade, influenciando os comportamentos dos filhos que são associados a problemas de desenvolvimento.

Pode-se perceber que o conceito de estilo parental foi ampliado e o estudo das práticas disciplinares não mais se restringe ao controle absoluto. Este contexto expandido

aponta para uma abrangência de responsividade às necessidades infantis e as demais circunstâncias que contribuem para o contexto emocional de educação da criança.

Em relação aos estilos, as pesquisas indicam os seguintes resultados, filhos de pais autoritários apresentam tendência a um desempenho escolar moderado, habilidades restritas, ausência de comportamento considerado problemático, baixa autoestima e maior índice de depressão, direcionando para uma correlação existente entre as altas taxas de sintomas depressivos e o relacionamento entre os filhos e os pais autoritários. São características do tipo de pais autoritários, baixo nível de afeto, maior rigidez, elevado grau de controle e disciplina, assim como está relacionado a maiores taxas de comportamentos agressivos em crianças e adolescentes (Darling, 1999; Casarín, Murgia & Infante, 2008; De la Torre-Cruz & García-Linares, 2014).

Quanto às práticas permissivas há estudos correlacionando os comportamentos dos filhos de pais enquadrados neste estilo a um maior uso de tabaco e de álcool. Assim como, ressaltam a baixa capacidade de autorregulação e propõem a baixa habilidade de reação a conflitos, (Santana de Paiva & Mota Ronzani, 2009; De la Torre-Cruz & García-Linares, 2014). Este tipo de estilo sugere ainda a existência de filhos mais vulneráveis a comportamentos problemáticos assim como baixo rendimento escolar (Darling, 1999).

O estilo autoritativo tem sido qualificado como o estilo de melhores efeitos na educação dos filhos. Crianças sob esses cuidados parentais apresentam menores níveis de inconsistências; menor índice de ansiedade e depressão; maior número de comportamentos exploratórios; maior assertividade; assim como, autoconfiança; autoestima; competência social; autorregulação; criatividade; persistência; autocontrole e maiores competências acadêmicas e de liderança (Darling & Steinberg, 1993).

O tema abordado por este trabalho propõe a existência de uma correlação entre as práticas educativas e os estilos parentais em relação à tolerância a frustração nas gerações Baby Boomers e “Z”, no entanto, evidencia-se uma limitação em relação a esta pesquisa devido à escassez de materiais publicados sobre o assunto proposto para investigação, especialmente quando a busca foi feita associando os descritores. Portanto, considera-se importante registrar a necessidade de futuras pesquisas sobre a temática.

### **Considerações Finais**

Pode-se considerar que no presente estudo a existência de uma relação entre tolerância à frustração e os conceitos apresentados, no entanto, esta relação não pôde ser efetivada devido à ausência de publicações aglutinando os temas: tolerância a frustrações,

práticas e estilos parentais e as gerações Baby Boomers e “Z”, propondo desta maneira, a relação destas duas gerações, a fim de levantar questões que contribuam com o estudo da família e suas práticas ao longo das gerações, com foco exclusivo na escassez de tolerância por ausência de frustração. O que pode considerar é a existência da correlação entre o estilo educativo dos pais e a tolerância à frustração por parte da criança.

## Referências

- Biasoli-Alves, Z. M. M. (1997), Famílias brasileiras do século XX: Os valores e as práticas de educação da criança. *Temas da Psicologia*, 5(3), 33-49. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1997000300005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300005)
- Caldana, R. H. L. & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1993). Educação de crianças: ideias numa revista católica brasileira (1935-1988). *Paidéia (Ribeirão Preto)* 4, 37-44. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1993000100005>
- Cano, M. A. T. (1997). *A percepção dos pais sobre sua relação com os filhos adolescentes: reflexos da ausência de perspectivas e as solicitações de ajuda* (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto). Doi: 10.11606/T.22.2007.tde-14092007-141943.
- Casarín, V. A., Murgía, R. O. & Infante, M. T. (2008). Estilos parentales y sintomatología depresiva en una muestra de adolescentes veracruzanos. *Enseñanza e Investigación en Psicología*, 13(1), 91-105. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/292/29213108/>.
- Ceretta, S. B., & Froemming, L. M. (2011). Geração Z: Compreendendo os hábitos de consumo da geração emergente. *RAUnP-ISSN 1984-4204*, 3(2), 15-24. Doi: <http://dx.doi.org/10.21714/raunp.v3i2.70>
- Darling, N. (1999). Parenting style and its correlates. *Eric Digests*, 1-7. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED427896>.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: na integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496. Doi: 10.1037/0033-2909.113.3.487.
- De la Torre-Cruz, M. J., García-Linares, M. C. & Casanova-Arias, P. F. (2014). Relaciones entre estilos educativos parentales y agresividad em adolescentes. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 12(32), 147-170. Doi: <http://dx.doi.org/10.14204/ejrep.32.13118>.
- Dos Santos, C. F., Ariento, M., Diniz, M. V. C., & Dovigo, A. A. (2011). O processo evolutivo entre as gerações x, y e baby boomers. *Anais do XIV SEMEAD Ensino e Pesquisa em Administração*, 13, 3. Disponível em: [http://sistema.semead.com.br/14semead/resultado/an\\_resumo.asp?cod\\_trabalho=221](http://sistema.semead.com.br/14semead/resultado/an_resumo.asp?cod_trabalho=221)
- Filho, J. F., & de Lemos, J. F. (2008). Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a “Geração Digital” na mídia impressa brasileira. *Comunicação Mídia e Consumo*, 5(13), 11-25. Doi: <http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v5i13.124>
- Freud, S. (1914/1974). Sobre o narcisismo: Uma introdução. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud V. XIV. (J. Salomão, trad.). (pp. 85-122). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1920/1976). Além do princípio do prazer. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud V. XVIII. (J. Salomão, trad.). (pp. 13-88). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Gerhardt, T. E & Silveira, D. T. (2009). Métodos de Pesquisa. UFRGS, 1, p. 1-120.
- Mondin, E. M. C. (2008). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicologia Argumento*, 26(54), 234. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=2498&dd99=view&dd98=pb>
- Monteiro, R. A., Gonçalves, T. G., Refosco, L. L. & Macedo, M. M. K. (2011). O processo adolescente e as funções parentais na realidade contemporânea. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul* 12(1), 107-113. Disponível em: [http://meriva.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9271/2/O\\_processo\\_adolescente\\_e\\_as\\_funcoes\\_parentais\\_na\\_realidade\\_contemporanea.pdf](http://meriva.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9271/2/O_processo_adolescente_e_as_funcoes_parentais_na_realidade_contemporanea.pdf)

- Moura, C. F., & Pasquali, L. (2006). Construção de um teste objetivo de resistência à frustração. *Psico-USF*, 11(2), 137-146. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712006000200002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712006000200002)
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2007). Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 247-256. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005>.
- Recktenvald, K. (2009). De sua majestade o bebê à criança: Reflexões acerca da construção os limites. *Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*, (08) 87-114. Disponível em: <http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo221.pdf>
- Ribeiro, R. (2017). Pais permissivos-crianças em risco. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 8(1), 109-110. Disponível em: <http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/rpca/article/view/2481>
- Sampaio, I. T. A., & Vieira, M. L. (2010). A influência do gênero e ordem de nascimento sobre as práticas educativas parentais. *Psicologia Reflexão Crítica [on line]*, 23(2), 198-207. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722010000200002>.
- Santana de Paiva, F. & Mota Ronzani, T. (2009). Estilos parentais e consumo de drogas entre adolescentes: revisão sistemática. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 177-183. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722009000100021&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722009000100021&script=sci_abstract&tlng=pt)
- Weber, L. N. D., Selig, G. A., Bernardi, M. G. & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações-transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia (Ribeirão Preto) [on line]*, 16(35), 407-414. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300011>.
- Winnicott, D. W. (1951/1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade*. (J. Salomão, trad.). (pp. 13-44). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Winnicott, D. W. (1964/1982). A moralidade inata do bebê. In D. W. Winnicott, *A criança e o seu mundo*. (A. Cabral, trad.). (pp. 104-109). Rio de Janeiro, RJ: LTC.
- Winnicott, D. W. (1963/1983). Moral e educação. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria de desenvolvimento emocional*. (I. C. S. Ortiz, trad.). (pp. 88-100). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Winnicott, D. W. (1960/1999). Segurança. In D. W. Winnicott, *Conversando com os pais*. (A. Cabral, trad.). (pp. 101-108). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Zanetti, S. A. S., & Gomes, I. C. (2011). A " fragilização das funções parentais" na família contemporânea: determinantes e consequências. *Temas em Psicologia*, 19(2), 501. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2011000200012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000200012)